

Página
TRÊS**Patrimônio destruído.** A despesa com manutenção chega a 5% do total destinado à Educação pelo Espírito Santo

f

Vandalismo na escola: uma atitude nota zero

Dinheiro gasto com reposição de carteiras nos últimos cinco anos daria para construir 3 escolasPRISCILLA THOMPSON
ppessini@redegazeta.com.br

Uma carteira escolar com durabilidade de até 15 anos não tem passado mais do que seis meses, ou um ano, dentro das salas de aulas das escolas da rede estadual. Nos últimos cinco anos, o investimento do governo para reposição do mobiliário - alvo de vandalismo dos próprios estudantes - seria suficiente para construir e equipar quase três escolas. São R\$ 12,5 milhões gastos desde 2005 na compra de quase 94 mil carteiras. Uma reposição de cerca de 63% do total existente.

Os dados da Secretaria Estadual de Educação (Sedu) revelam o descaso dos alunos com o patrimônio escolar. O número de computadores danificados por ano

servados para conservação, pequenos reparos e aquisição de móveis e equipamentos nas 458 escolas da rede. Um custo que chega a R\$ 40 mil por escola.

Desde meados de 2009, também segundo levantamento da Sedu, foram recolhidos 51.360 itens sem condições de recuperação nas unidades, entre computadores, carteiras, bebedouros, torneiras, ventiladores, vidros e outros objetos. Alguns sofrem desgastes naturais pelo tempo de uso.

“Mas, muitas vezes, falta mesmo cuidado por parte dos alunos. O que explica essa situação é, antes de tudo, um problema de reconhecimento da escola enquanto patrimônio da comunidade”, avalia.

“O processo de aprendizado e o de formação dos cidadãos são apenas dois pontos importantes da educação. O terceiro é ensinar o valor da escola para a comunidade, e isso envolve a es-

O custo da depredação

Veja o que é gasto com a aquisição para reposição de móveis e equipamentos nas escolas

FOTOS GILDO LOYOLA



adôres danificados por ano também chama a atenção: são cerca de 600. Só este ano, serão comprados 2 mil novos equipamentos, tanto para reposição como para novos laboratórios de informática. O número estimado de novas carteiras é ainda mais alto: 31 mil só em 2011.

CUSTO POR ESCOLA

Segundo o secretário Estadual de Educação, Klinger Barbosa Alves, a despesa com manutenção chega a 5% do total destinado à Educação pelo Estado. Este ano, R\$ 10,4 milhões já estão re-

gistrados. “Além disso, a escola, a família, as igrejas e outras organizações”, defende o secretário.

GASTO EXTRA

R\$ 5 milhões

Esse é o valor da construção de uma escola nova e equipada com laboratórios. Mas, só em 2010, foram gastos R\$ 5,7 milhões com novas carteiras na rede estadual.

ALUNOS

Entre 2005 e 2011, o número de alunos matriculados na rede estadual caiu de 365 mil para 297 mil. O gasto com manutenção, porém, não caiu

RECURSOS

Os recursos destinados à manutenção das 458 unidades somam quase R\$ 30 milhões entre 2009 e 2010. Este ano, serão investidos R\$ 10,4 milhões

DESTINO

O dinheiro é administrado pelas escolas, que ficam

responsáveis pela manutenção, conservação e pequenos reparos em móveis, equipamentos e nas instalações físicas do prédio, aquisição de móveis e equipamentos, e manutenção e recuperação de carteiras

REPASSE

As unidades recebem repasses diferentes do recurso, de acordo com o perfil, que leva em conta, por exemplo, o número de alunos. O valor varia de R\$ 6.350 a R\$ 40.790

CARTEIRAS

Entre 2005 e 2010, o

gasto com a compra de novas carteiras escolares foi de cerca de R\$ 12,5 milhões. Para este ano, a estimativa é de mais R\$ 3 milhões. O maior gasto ocorreu no ano passado: R\$ 5,7 milhões destinados à compra de mais de 37 mil carteiras

COMPUTADORES

Por ano, cerca de 600 computadores são danificados. Desde 2009, a rede comprou mais de seis mil novos computadores. Neste ano, outros dois mil devem ser adquiridos. A compra não é

apenas para substituir equipamentos, mas também para novos laboratórios

OBJETOS

Outros objetos que também sofrem depreciação são vidros de janelas, torneiras, bebedouros, vasos sanitários e ventiladores de teto

LEILÕES

O mobiliário e equipamentos que perdem as condições de uso e de recuperação são recolhidos e leiloados como sucata

Programa pode barrar depredações

Para tentar reverter os números da depredação de móveis e equipamentos nas escolas, a Secretaria Estadual de Educação (Sedu) vai lançar, neste ano, uma campanha para conscientizar alunos, professores e as comunidades a respeito da importância do patrimônio escolar.

O prêmio Sedu Boas Práticas na Educação, que homenageia, todos os anos, os melhores projetos pedagógicos realizados pelas escolas estaduais, também deve incluir uma premiação para o tema.

“Ainda estamos estudando

as duas ações, mas o objetivo é incentivar as escolas a envolvem os alunos nessa conservação, para que elas continuem sendo um lugar agradável e propício para o ensino”, diz Klinger Barbosa Alves, secretário de Educação.

Mesmo já contando com os resultados dessas ações, a Sedu prevê que, em 2011, sejam gastos cerca de R\$ 3 milhões na compra de novas carteiras para as unidades. Entre janeiro e fevereiro, mais de cinco mil bens foram recolhidos das escolas por não terem mais utilidade.

ANÁLISE

Limite entre o público e o privado

LUIZ MURAMATSU
SOCIÓLOGO

A ideia que se tem do bem público e do governo, no Brasil, é de que eles estão ligados à classe dominante, e não ao povo. Se o bem público é dos dominantes, logo, não nos pertence, podemos fazer dele o que quisermos. Esse é o pensamento que leva pessoas a destruírem telefones públicos, a estacionarem carros nas calçadas e a depredarem escolas. O próprio Estado não faz a distinção

necessária entre o que é público e o que é privado. Frequentemente, assistimos nossos administradores públicos colocando a mão, literalmente, no dinheiro que é de todos. Não existe diferença entre esse tipo de situação e a de um menino que quebra um computador na escola. É preciso fazer uma mudança estrutural para que a atitude das pessoas mude. A culpa não está no povo, está no exemplo que ele tem do que se deve fazer com o dinheiro público. A mudança tem que começar de cima.

Escola vira modelo de conservação

Pelo contexto em que está inserida e pela quantidade de alunos que possui, a escola Ormanda Gonçalves, da região da Grande Cobilândia, em Vila Velha, poderia ser um mau exemplo de conservação do patrimônio público. A coordenadora do turno matutino, Naucir Hell Rogério, porém, conta que com pequenos cuidados, a direção têm conseguido evitar as depredações.

A escola atende a 1.441 alunos nos três turnos. “Não acredito que a violência externa tenha influência nesse tipo de atitude, porque os es-

tudantes não depredam objetos em casa. Na escola, temos o cuidado de conferir todos os equipamentos no fim do uso feito por cada turma. Se for identificado um problema, conversamos com a turma e resolvemos o na hora”, diz.

Isso ajuda, segundo ela, a não deixar acumular o problema do mau uso dos materiais escolares. “Os professores também trabalham esse assunto com os alunos, nas aulas, e com os pais, nas reuniões. Sem esse trabalho, muitos não conseguem entender que a escola é um bem deles”, justifica.